

CALAMIDADE NO RS

São Leopoldo

Maior abrigo da cidade tem dois mil acolhidos

Priscila Carvalho

priscila.carvalho@gruposinos.com.br

Na Unisinos, três ginásios que compõem o Complexo Desportivo da universidade servem de abrigo para cerca de 2 mil pessoas. Lá, o vice-reitor, Artur Jacobs, explica que uma “pequena cidade” foi montada para acolher as famílias. “Estamos tentando oferecer o melhor atendimento possível nas circunstâncias atuais.”

O curso de Gastronomia, por exemplo, é o responsável por preparar as 5 refeições diárias – totalizando cerca de 10 mil por dia – para os acolhidos. “Continuamos necessitando de doações de alimentos para poder preparar essas

refeições”, pondera.

Em um espaço organizado para tal, a assistência à saúde das famílias é oferecida, com diversos profissionais da Unisinos e da prefeitura leopoldense. Equipes também realizam recreação com idosos e crianças. E ONGs auxiliam no cuidado dos pets. Tudo isso, com a colaboração de professores, funcionários, alunos da universidade e vários voluntários. “É impressionante essa vontade de ajudar. Temos pessoas até de outras cidades ajudando aqui”, destacou Jacobs.

Para facilitar o recebimento de doações, um drive-thru segue aberto, das 8h às 22h, no parquinho em frente à universidade.

“É devastador”, lamenta venezuelana

Morando no Brasil há 5 anos, a família venezuelana de Belkis Delgado, 37 anos, nunca havia passado pelo que viu agora. Na sexta-feira (3), junto com o esposo Carlos Quijada, 46, e os filhos Carlos e Carlisbel, de 14 e 11 anos, ela saiu do apartamento térreo onde moravam, na Campina, com água na altura do joelho.

“Perdemos tudo que a gente trabalhou com tanta força para conquistar”, contou Belkis, que está abrigada com a família na Unisinos. “É devastador. Saímos de um país que vive uma crise horrível, que para o mundo não é

segredo, chegamos aqui, trabalhamos muito. Eu tinha dois empregos, estava comprando muitas coisas para minha casa”, emociona-se, lembrando que pegou apenas algumas peças de roupa e os documentos deles.

Preocupada em como será a volta pra casa, uma das dúvidas é se a sacola preta onde guardaram o restante das roupas suportou a enchente. “Não sei se vamos conseguir recuperar alguma coisa”, comenta. “Ainda não passei por uma coisa assim. Nunca vi uma enchente assim.”

Família passa pela segunda enchente em menos de um ano

Em menos de um ano, é a segunda vez que a família de Neiva Farias Nunes, 27 anos, precisa sair de casa, no bairro Campina, por conta de inundações. Em junho do ano passado, por conta do ciclone extratropical que atingiu a região, ela e os cinco filhos,

de 10, 9, 7, 5 e 3 anos, tiveram a casa invadida pela água e ficaram no abrigo montado no Ginásio Celso Morbach.

Agora, por conta da enchente, ela – que está grávida de quase 8 meses – e as crianças estão na Unisinos. “Da outra vez,

perdi tudo, mas não perdi a casa. Desta vez, perdi tudo e a casa. Ela foi levada embora pela água”, lamenta. “Saímos só com a roupa do corpo. Só peguei as crianças”, lembrando que o enxoval da menina que espera também foi levado com a água.

Nesta quinta, Neiva passou o aniversário no abrigo, com os filhos, a irmã, Sabrina Farias, 24, e um sobrinho de 5 anos. “Não tem o que fazer né? É só esperar”, diz ela, destacando que já viu outras enchentes, mas nada como essa.

PRISCILA CARVALHO/GES-ESPECIAL



Três ginásio da Unisinos abrigam atingidos pela enchente

PRISCILA CARVALHO/GES-ESPECIAL



Belkis (C), com os filhos Carlisbel e Carlos, na Unisinos

PRISCILA CARVALHO/GES-ESPECIAL



Neiva (E), que está grávida, com as filhas, e a irmã Sabrina

Voluntários de abrigo fazem festa para menino

A angústia de três dias sem ter notícias dos filhos acabou em comemoração na Associação de Moradores do Bairro Jardim América – um dos locais abertos para receber desabrigados pela enchente em São Leopoldo.

No abrigo desde sábado (3), quando teve que sair da casa onde morava no bairro Rio dos Sinos, Dionéia Hartz, 49 anos, conta que os filhos Eric, 11, e Fernanda, 8 anos, foram resgatados primeiro e acabaram sendo levados para outro espaço.

Com a ajuda dos voluntários da Associação, que começaram uma busca, as crianças foram encontradas no abrigo montado na Escola Paulo Couto, no Parque Mauá, nesta terça (7), dia do aniversário de Eric.

Sabendo disso, os voluntários, então, tiveram a ideia de unir esforços para comemorar a data. “Poder proporcionar um momento desse, de reencontro, e no dia do aniversário dele, não tem preço”, comentou o voluntário Matheus Vicente.

“O que eu precisava está comigo”, diz a mãe

Emocionada, Dionéia conta que todos se



Eric fez 11 anos no dia em que reencontrou sua família

movimentaram para a festinha surpresa de Eric. “Eles (voluntários) não se encolhem pra nada, tratam a gente muito bem. Eu não sabia o que fazer quando me falaram (da festa). Movimentaram tudo, tanto para fazer a festinha quanto para comprar até presente. Ele ficou muito feliz.”

Ainda sem poder voltar para o bairro onde mora e lembrando que perdeu sua moradia, invadida pela água, Dionéia não se abala com os bens materiais, ressaltando que agora a família está unida de novo. “Da minha casa, não sobrou nem o teto. Mas o que eu precisava está comigo.”

O primeiro Dia das Mães

Em São Leopoldo, a dona de casa Estefani Dallana Delgado Viegas, de 18 anos, passará seu primeiro Dia das Mães na Unisinos, que transformou o seu Ginásio de Esportes em abrigo. Ela teve sua primeira filha há 11 meses, a menina Angelis Evelyn Torres Delgado. “É difícil, porque eu morava em Brasília e vim para cá há uma semana, está sendo difícil alimentar meu bebê”, conta. “Eu nunca havia ficado em um abrigo, essa é a primeira vez. Quanto ao Dia das Mães, é difícil, mas é uma situação que não podemos fazer nada”, continua. (Amanda Krohn)

AMANDA KROHN/ESPECIAL



Estefani e a filha Angelis Evelyn abrigam-se na Unisinos